

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

CONTACTO

SUMÁRIO

EDITORIAL

Eulália Maximiano
Edna Pereira

PERSPECTIVAS

Encontro com o Ministro da Educação, Professor Doutor Aniceto dos Muchangos

Julião Langa

REPORTAGEM

Entrevista com o Director da Editora Escolar - Dr. Alberto da Barca

Manuel Golias
MIA in Education

ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E DIDÁCTICOS

Que conhecimentos, capacidades e habilidades deve possuir o professor do primário 1º grau para orientar o processo de ensino aprendizagem?

Vladimir Kolesnikov
Timóteo Bonga
Edna Pereira
José Tomás

A INTERDISCIPLINARIDADE

INTERVALO

Labirinto
Poema —
Humor

Texto Adaptado por
Eulália Maximiano de
Doninique Mear

TROCA DE EXPERIÊNCIAS

A mulher do terceiro Mundo e o Trabalho

Alda Jorge

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O papel Educativo da Biblioteca Escolar no Ensino Primário

ASPECTOS LEGISLATIVOS E ORGANIZATIVOS

Estatuto do Ministério da Educação

FICHA-TÉCNICA

Coordenador

Eulália Maximiano

Corpo Redactorial

Edna Pereira

Alda Jorge

Julião Langa

Egídeo Chilaúle

Eulália Maximiano

Colaboradores

Roberto Soares

Fotografia

Editora Escolar

Maquetização

José Tomás

Dactilografia

Helena Nube

Redacção

Ministério da Educação

— Av. 24 de Julho 167-2º andar

— Maputo. Composição

Impressão: Artes Gráficas

Revisão

EDITORIAL

Considerando que uma das formas de veiculação das ideias e do conhecimento é a comunicação, congratulamo-nos pela oportunidade que nos é propiciada de projectar alguns aspectos importantes da vida da Educação. A complexidade dos problemas que este sector enfrenta, em conexão com as mudanças sócio-políticas do País tem dificultado a possibilidade de dimensionar o esforço que muitos dos seus obreiros têm realizado, com vista a uma correcta adequação ao tempo actual.

É nosso propósito divulgar e valorizar algumas das iniciativas, reflexões e estudos amadurecidos ao longo destes anos, importa referir que esta experiência é renovada, tendo em conta que outrora existiu uma revista da Educação "O JORNAL DO PROFESSOR", cujo objectivo era, particularmente, de apoio pedagógico ao docente.

Com o desenvolvimento do sistema educativo e as transformações em curso no País, a presente publicação aponta para uma abordagem mais abrangente das várias componentes da Educação: Pedagógica, Administrativa, Financeira e outras. É um desafio aliciante em demanda de novos caminhos rumo ao saber e ao progresso. Contamos com a colaboração de todos e em particular com o apoio da ASDI, que ajudou a concretizar este empreendimento. Os nossos agradecimentos!

Aqui fica expresso o nosso convite, leia e colabore: a revista é de todos nós.

ENCONTRO COM O MINISTRO DA EDUCAÇÃO

A perspectiva de desenvolvimento da Educação constitui um dos maiores desafios que este sector enfrenta. Pela importância de que se reveste, CONTACTO abordou o titular da pasta da Educação para um diálogo sobre o assunto.



P. As alterações políticas que se registam no País exigem um trabalho de análise e reflexão aprofundadas das realidades concretas e das perspectivas de evolução da Educação.

Sr. Ministro, que alternativas se colocam para o futuro da Educação?

Ministro- A Educação é extremamente vulnerável a transformações políticas e sócio-económicas que se registam não só ao nível do nosso país mas também ao nível mundial.

Analisando as estatísticas financeiras e demográficas disponíveis torna-se evidente que o sector da Educação tem desenvolvido grandes esforços para assegurar a materialização do direito à Educação de base, consagrado na constituição da República.

Factores sobejamente conhecidos levaram à degradação das condições de ensino afectando particularmente o ensino primário.

mas a actual crise do ensino é comum a todos os países em desenvolvimento e, em particular, os da África subsahariana.

Foi por isso, que as agências doadoras e financiadoras internacionais e organizações não governamentais como o Banco Mundial, o UNICEF, o PNUD, a UNESCO, a ASDI, alarmadas com a situação da Educação a nível Mundial, decidiram convocar a Conferência Mundial, conhecida como "Educação Para Todos", realizada em Março de 1990, em Jomtien, na Tailândia.

As conclusões desta Conferência,

reflectidas na Declaração Final e no Programa-Quadro de Acção, são perfeitamente aplicáveis à situação de Moçambique.

Se, entretanto, abstrairmos os efeitos negativos dos conflitos e tensões regionais ainda prevalecentes, sobretudo os que resultam da desintegração do chamado bloco socialista cujo balanço ainda não pode ser completo, e apesar dos inúmeros problemas económicos e da seca que atingiu a nossa zona, **esta década alimenta algumas esperanças motivadas pelas tendências de desarmamento mundial e da tendência para a cessação dos conflitos na África Austral.**

P. Quer dizer por outras palavras que com a cessação da guerra em Moçambique, cria-se automaticamente um elemento importante para a viabilização dos programas sociais?

Min. Mas, atenção, com o fim da guerra, não estarão removidos todos os obstáculos. pelo contrário, haverá que atender a novos problemas de igual ou maior complexidade: são mais escolas a construir ou a reconstruir, são mais livros a produzir e distribuir, são alunos e professores a reabilitar psíquica e socialmente; são mais professores a formar e colocar nas escolas, são enfim tarefas e problemas novos que se juntarão aos actualmente

existentes.

Por outro lado, os programas do futuro da Educação deverão ser enquadrados na perspectiva de um programa mais vasto da reconstrução Nacional em que todos os sectores estarão envolvidos.

P. tendo em vista estas perspectivas mais especificamente, que novas exigências serão colocadas às instituições educativas?

Min. As novas exigências envolvem uma grande complexidade de tarefas de natureza pedagógica e administrativa.

Em suma, com estas considerações está-se a propôr simultaneamente a reposição da qualidade de educação dando-lhe a devida atenção e evitar a contínua erosão, em todos os níveis.

Como fica evidenciado, um dos maiores problemas que o sector enfrenta, continua a ser a expansão, ou seja o acesso à educação. Grande influência sobre o acesso exerceram e continuam a exercer, a falta de instalações, insuficiência de professores, este último factor, contribuindo para a elevada relação aluno/professor, aluno/turma, com todas as consequências negativas inerentes.

Há que agir sobre a baixa qualidade do ensino, que por sua vez, obstrói os canais de acesso a níveis superiores do sistema educativo, e produz elevadas taxas de reprovação.

Igualmente urgente será a exigência da reposição da rede escolar rural para se conter o enorme afluxo de alunos do meio rural em direcção às cidades.

Por outro lado, deverá ser fomentada e assegurada a criação de estruturas de direcção administrativa das escolas, de apoio pedagógico e de inspecção aumentando a sua capacidade de actuação, de modo a travar a erosão da qualidade do ensino.

Com o panorama descrito anteriormente, existe um certo consenso e é a sua filosofia de que se deve priorizar o ensino primário porque é ele que elimina o analfabetismo, permite o acesso a níveis superiores de melhor qualidade e assegura o desenvolvimento de uma mão-de-obra mais extensa, sobretudo do sector informal.

Contudo, não se trata só de priorizar o nível primário, demitindo a atenção aos restantes níveis; pelo contrário, deve ser transparente que existe visivelmente uma inter-relação entre níveis, desde o primário ao superior.

J.P. E para a Educação de Adultos que novos rumos estão a ser traçados?

Min. Em termos gerais, o que se pretende é facultar a todos os cidadãos a capacidade de ler, escrever e contar na sua língua materna ou na língua oficial - o português - e que, simultaneamente, possa participar eficazmente no processo de desenvolvimento social e económico do país.

Já em 1965 numa conferência de Ministros da Educação se desenvolvera o conceito de alfabetização funcional, o qual considera analfabeto todo o indivíduo que sabendo ler e escrever elementarmente, carece de conhecimentos necessários para fazer frente às exigências quotidianas da sua vida e do seu trabalho.

P. Isto explica portanto a grande insistência que tem vindo a ser feita no sentido de se erradicar o analfabetismo até ao ano 2000...

Min. Sim é neste contexto que o MINED elaborou o plano de erradicação do analfabetismo como parte de um esforço do desenvolvimento da Educação até ao ano 2000, o qual se deverá processar em estreita harmonia com a participação das várias entidades e forças sociais.



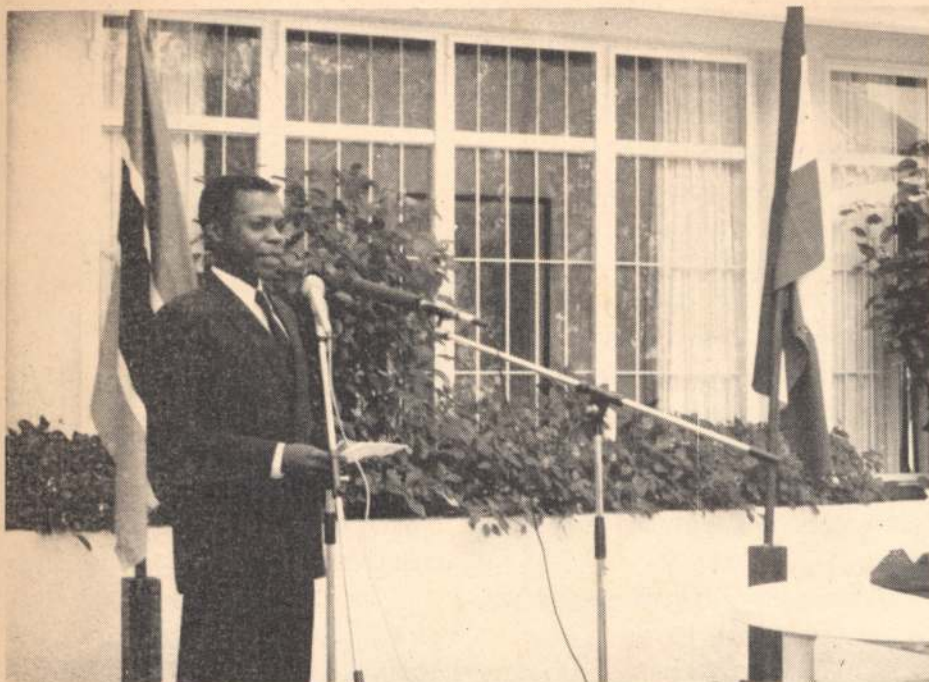
Por isso, é indispensável o envolvimento da comunidade, dos vários organismos públicos, das associações, colectividades, sindicatos, órgãos de comunicação social, cujo papel é imprescindível para a criação de imagens positivas da educação e formação. Esta foi a razão da aprovação do Decreto que autoriza o exercício de actividades de ensino a título privado.

Muito antes da autorização do exercício de actividades de ensino privado, várias entidades intervinham na educação de adultos, merecendo especial destaque as confissões religiosas, empresas, cooperativas, instituições comunitárias. Basta recordar que para a redução do analfabetismo, logo após a Independência aproveitou-se grandemente o entusiasmo que reinou em torno das campanhas de Alfabetização.

Ao celebrarmos em 1990 o ano Internacional da Alfabetização, constatámos que a forte institucionalização do sistema da alfabetização contribuiu para desmotivar os alfabetizandos.

O Estado, como zelador da ordem jurídica e promotor do bem estar comum, deve proteger os direitos das demais entidades educadoras e completar, no que for preciso as lacunas daquelas, sem nunca, porém absorver as suas legítimas actividades.

Esses princípios estão subjacentes



na Constituição, ao consagrar-se a educação como direito e dever de cada cidadão e ao reconhecer-se o envolvimento de outros agentes no processo educativo dos cidadãos, competindo ao Estado organizar e promover a sua extensão e a igualdade de acesso de todos ao gozo desse direito.

Na reflexão efectuada observou-se a experiência de países e instituições que obtiveram sucesso na alfabetização e contou-se com consultorias para apoiar o desenvolvimento de uma nova filosofia de Alfabetização e Educação de Adultos.

P. Portanto, o actual sistema, fortemente institucionalizado, não responde às exigências actuais.

Min. Entende-se que o sistema, muito institucionalizado, não responde às exigências actuais e ao dramatismo da situação. A implementação do programa deve ser flexível e sobretudo responder às necessidades e expectativas dos adultos e do meio em que se inserem.

Daqui surgiu a necessidade de

elaborar diagnósticos que tiveram em conta as características de cada grupo, na definição dos programas de formação, na escolha dos métodos e materiais.

A responsabilidade da gestão deste empreendimento deveria ser da responsabilidade de uma instituição vocacionada - O Instituto de Educação de Adultos.

Directamente sob a direcção do Instituto funcionariam grupos especializados com responsabilidades específicas no âmbito de:

- a) Preparação de materiais e sua distribuição, recrutamento, formação e afectação de alfabetizadores;
- b) Colecção de dados, supervisão e certificação;
- c) Publicidade e logística.

Estes grupos especializados teriam a sua implantação aos níveis provinciais, distritais e local, em todos eles com uma participação comunitária.

Mas precisaremos de formar estes técnicos para tão gigantescas tarefas, mesmo para apoiar as iniciativas com vocação similar, (o Centro da Manga) a solução encontrada foi convertê-la para atingir os propósitos definidos.

P. Que apoios externos têm vindo juntar-se aos esforços internos na perspectiva do futuro da Educação?

Min. Em Setembro de 1989 fizemos um balanço da introdução do SNE e preparamos um programa que pudesse orientar a actividade do Ministério da Educação até ao ano 2000.

Na elaboração deste programas, foram admitidas várias hipóteses cuja definição assentava essencialmente nas tendências do crescimento da população escolar, na disponibilidade dos recursos humanos, materiais e financeiros.

A sua definição foi estimulada pelas opiniões populares durante as discussões em torno das teses ao V Congresso e mais tarde objecto de negociações com equipas de organismos internacionais, permitindo a elaboração do II Projecto Sectorial financiado pelo IDA, onde também participam o PNUD, UNICEF, ASDI e vários outros organismos.

Deve ficar claro que o programa foi desenhado por nós. naturalmente foram reconhecidas e discutidas experiências de outros países como o apoio de técnicos especializados nacionais e estrangeiros.

Penso que é lógico que assim tenha acontecido. Não se tratou de transpor mecanicamente modelos alheios mas aproveitar os aspectos positivos de outros modelos.

15/4/92

Eulália Maximiano
Edna Pereira

FLASH

VICE-MINISTRO NA BEIRA

Deslocação de Sua Excelência o Vice- Ministro à Beira

Deslocou-se à Beira integrado na delegação presidencial o senhor Vice Ministro da Educação, ARNALDO NHAVOTO. A visita enquadrava-se no âmbito da inauguração da terminal de contentores, Projecto da SADCC—Corredor da Beira. A importância deste evento para a Educação circunscreve-se no âmbito do desenvolvimento dos

recursos humanos e equipamento, que visa aumentar a eficiência no manuseamento da carga, pois essas acções precisam do homem preparado. Para o seu funcionamento correcto exige-se pessoal capacitado. O Gabinete ciente disto tem vindo a trabalhar com a Escola e o Instituto Industrial, em cursos de pequena duração

para elementos ligados ao corredor da Beira. Houve também uma visita ao Dondo a algumas unidades económicas e sociais, reuniões a nível do governo e contactos com a população. Estes contactos permitiram colher elementos que poderão inspirar na realização do trabalho.

INAUGURAÇÃO DE ESCOLAS

Tentando criar condições e recursos onde se possa realizar mais adequadamente o processo de ensino aprendizagem, para melhorar e elevar o nível de ensino e concretizar as estratégias do desenvolvimento, foram inauguradas neste ano lectivo (11) escolas na Cidade e Província de Maputo.

Estas instituições integram uma componente do Projecto - Banco Mundial para a construção e reabilitação de Escolas

A motivação dos alunos e professores nas escolas é um dos factores de sucesso no processo docente educativo

Apoio às escolas

No âmbito da Cooperação Internacional a Educação tem beneficiado de outros apoios importantes nomeadamente:

— A CNAÁ - Conselho Norueguês para a África Austral. É uma ONG Norueguesa que financia a reabilitação de escolas do EP2 e do Ensino Secundário Geral da Cidade do Maputo, tendo sido já reabilitada por ela a Escola de Maxaquene (EP2).

— O Governo da Confederação Suíça assinou este ano um acordo como Ministério da Educação e propõe-se apoiar o Instituto Industrial de Maputo - Curso de Hidráulica (assistência técnica, material didáctico, construção/reabilitação de edifícios, bolsas).

— A SADCC/RTC - promoveu a realização de um Seminário em Maputo

sobre técnicas instrucionais (de 3 a 13 de Abril do ano corrente). Tomaram parte 19 participantes, sendo 12 docentes do Instituto Comercial e 7 da Escola de Estado e Direito.

— A ONG Finlandesa, TAKSVA-ANKI financia a construção de 2 escolas primárias em Chicuque e Salela, prevendo-se a sua inauguração ainda no primeiro semestre do ano em curso.

REPORTAGEM

ENTREVISTA COM O DIRECTOR DA EDITORA ESCOLAR- DR. ALBERTO DA BARCA

No quadro da implementação do Sistema Nacional de Educação, tem-se salientado o problema do Livro Escolar.

É sabido que o processo de elaboração do Livro Escolar é complexo e exige um trabalho longo e porfiado. Para um melhor conhecimento deste problema, o Contacto abordou o Director da Editora Escolar, no Maputo.

P. Senhor Director, gostaríamos de saber em primeiro lugar, qual é a política nacional da edição do livro escolar?

R. Para responder a essa pergunta, importa recuar no tempo e dizer que, quando se introduziu o SNE em 1983, a responsabilidade editorial estava a cargo do INDE. Este contava com um colectivo de professores de várias disciplinas, nacionais e estrangeiros, trabalhando a tempo inteiro.

Com base nos currículos e programas de ensino, concebia o livro original, editava e mandava-o imprimir fora. Este sistema, foi utilizado para todo o ensino primário do 1º Grau.

Neste momento, depois da institucionalização da editora escolar, estando o SNE no fim do ensino secundário, pretendemos adoptar um processo semelhante ao que é utilizado noutros países do mundo, efectuado na base de concursos.

A partir dos programas elaborados pelo MINED, a Editora Escolar responsabilizar-se-á pela direcção e gestão de todo o processo editorial, desde a organização de concursos públicos para os quais serão convidados professores habilitados e experientes a apresentarem propostas até ao indigitamento de júris para a



selecção, análise e aprovação do melhor projecto-livro. A editora será, igualmente, responsável pela celebração de contratos com as partes envolvidas neste processo.

Em linhas gerais, esta é a nova filosofia para a edição do livro escolar.

P. - Esta política é apenas referente ao ensino secundário?

R. - Em princípio, sim. Mas é possível que venha a abranger inclusivamente o ensino pré-universitário. Contudo, neste momento, estamos preocupados com o ensino secundário, pois estamos em cima do acontecimento.

P. - Nesta óptica quais serão, por-

tanto os critérios para a concepção do livro escolar?

R. - Como me referi, primeiro, haverá um programa aprovado pelo Ministério da Educação de acordo com o qual, os potenciais autores serão convidados a elaborar e a apresentar propostas.

Importa ilucidar que tais propostas não têm de ser necessariamente um livro no seu todo, pode ser apenas um capítulo. Depois de seleccionados, ver-se-á qual a equipa no colectivo de autores que apresentou a melhor proposta e que garante um trabalho eficiente.

REPORTAGEM

P.- Naturalmente que se apresentam dificuldades neste processo. Quais têm sido essas dificuldades?

R.- Sempre tivemos dificuldades. Quando iniciámos com a elaboração dos livros do ensino primário, tínhamos dificuldades próprias de uma instituição que inicia o seu funcionamento: Contávamos com professores nacionais e estrangeiros. Estes tinham, não só dificuldades de língua, como também nunca tinham elaborado na vida. Vieram aprender aqui.

Os nacionais tinham fracas habilitações académicas e, a maior parte, não estava habilitada para o trabalho que estava a fazer. Como se pode depreender havia lacunas quer da parte dos nacionais quer dos estrangeiros. Estas dificuldades e as respectivas lacunas fizeram repercutir-se tanto na qualidade do livro como nos prazos marcados. Isto na parte da concepção.

Na parte técnica-editorial, era necessário possuir uma equipa eficiente de redactores com uma boa formação académica, com experiência redactorial. Para nós, era uma actividade nova não era possível possuir estes requisitos todos. Tivemos muitas dificuldades e ainda as possuímos hoje.

Devo dizer que agora, embora dispondo de computadores e outros meios materiais eficazes para o trabalho que nos espera, os meios humanos qualificados continuam a ser escassos. Somos obrigados, não só a promover actividades de formação e elevação profissional, como também a comprar serviços noutras empresas para evitar atrasos.

P.- Será por isso que se importaram os livros do ensino secundário?

R.- Eu gostaria que se soubesse

que nem todos os livros do ensino secundário foram importados. A maior parte foi elaborada por nós, apenas mandámos imprimi-los fora considerando as facilidades e os prazos que tínhamos por cumprir. Mesmo assim, a outra parte dos livros importados, porque possuía mais informação do que a que nós queríamos (porque foi produzida numa perspectiva diferente da nossa) teve de ser actualizada sob o ponto de vista programático e contextual.

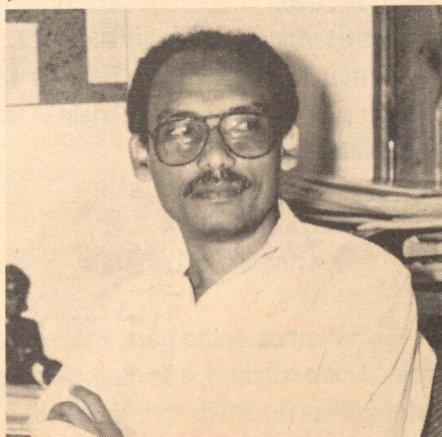
P.- Entretanto, parece que há escassez de livros nas escolas...

R.- Que eu saiba, os livros importados, até agora, foram produzidos para além do número total dos alunos, portanto, penso que não há falta, pelo menos para a 8ª e 9ª classes.

P.- Qual é a perspectiva de desenvolvimento da Editora Escolar?

R.- A Editora está num processo de conversão para uma empresa mista de capitais estatais e privados. Neste momento, contamos com a consultoria de uma empresa sueca que nos orienta na formação da tal futura empresa privada e esperamos que, mesmo depois de formada continuará a apoiar-nos no processo produtivo e editorial.

P.- A que se deve esta decisão de privatizar a Editora?



Dr. Alberto da Barca

R.- São várias as razões que a fundamentam: primeiro porque o processo de edição e publicação é tão complexo que ultrapassa o âmbito ministerial, segundo porque há uma necessidade de melhorar a eficiência e a qualidade do próprio livro e por último surge no contexto sócio-económico actual do nosso governo tendente à diminuição dos encargos estatias através das privatizações.

P.- Alguma coisa por acrescentar Sr. Director?

R.- Simplesmente agradecer esta oportunidade de dar a conhecer ao nosso público a realidade da Editora e, ao mesmo tempo, gostaria de dizer que, para nós, o livro não é um conceito fechado, reduzido à sua obrigatoriedade escolar, mas sim, um material de leitura e um instrumento cultural para todas as camadas sociais, pelo que queremos incentivar e apelar aos diversos autores e escritores a apresentarem outros originais literários e complementares para serem utilizados nas nossas escolas.

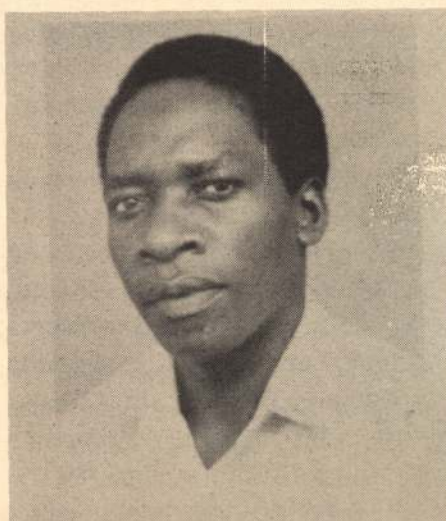
Avançamos, agora, com a publicação de cadernos de exercícios para diversas disciplinas do ensino secundário e pensámos fazer o mesmo não só para o ensino primário, mas também para a literatura infantil.

Foi aberto um concurso público e recebemos vários originais. Está igualmente em preparação um regulamento de direitos de autores e de concursos. Temos boas perspectivas para a edição dos livros da 10ª classe. Vários autores estão interessados. **Penso que teremos livros de qualidade e produzidos por quadros nacionais.** Julgamos ser uma forma de valorizar e incentivar o trabalho dos nossos autores. Estamos muito entusiasmados.

Julião Langa

ASPECTOS PSICO PEDAGÓGICO—DIDÁCTICO

Que conhecimentos, capacidades e habilidades deve possuir o professor primário do 1º grau para orientar o processo de ensino-aprendizagem?



D^r. Manuel Golias

1. Introdução

As urgências quantitativas que na escola primária moçambicana do 1º grau se verificaram logo nos primeiros anos da independência Nacional impuseram ao Ministério da Educação a implementação de modelos de formação de professores rápidos e pouco consistentes.

Tais modelos, embora com finalidades marcadamente profissionalizantes, não asseguraram aos futuros professores com efeito, a formação e o desenvolvimento de habilidades indispensáveis que lhes permitissem iniciar a sua carreira docente com um mínimo de condições pessoais de qualificação.

Não será então verdade que a constatação do baixo índice de produtividade do ensino primário hoje verificado no nosso País, revelado pelos altos índices de repetência, de re-provação e abandono tem como uma

das suas causas principais a fraca competência profissional do professor?

Este artigo pretende discutir a seguinte questão:

O que é que o futuro professor do ensino primário do 1º grau deve saber, saber-fazer e saber ser para orientar o processo de ensino-aprendizagem desse nível?

A análise que se segue restringe-se a objectivos e imperativos de ordem prática e teórica a ter em consideração na formação do professor da 1ª à 5ª classe para ser capaz de ensinar as disciplinas de:

- Língua Portuguesa;
- Matemática; e
- Actividades Laborais

Escolhamos então para análise os objectivos e conteúdos de duas classes intermédias do ensino primário, isto é,

4ª e 5ª classes.

2. LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. Objectivo final do ensino primário

"... O aluno que termina a escolaridade obrigatória deve estar apto a: comunicar em língua portuguesa na vida pública (administração, educação, informação, saúde, trabalho, comércio - registo corrente e formal e a servir-se dela como meio de desenvolvimento da sua personalidade..." (1)

(1) - Proposta de planificação curricular (Nov.1980) Ensino Primário, Subsistema de Educação Geral, MEC

2.2 Vejamos um por um os objectivos do nível intermédio:

1º Objectivo: "Possuir um vocabulário activo que permita adequar a expressão às necessidades da comunicação exigida a este nível..." (2)

Isto implica da parte do futuro professor ser capaz de criar as condições que permitam a criança de saber escutar os outros em língua portuguesa para, a propósito, reagir também em português.

2º Objectivo: "pronunciar de forma clara os sons distintivos da Língua Portuguesa de modo a permitir a interpretação correcta da mensagem" (3)

Isto implica da parte do futuro professor ser capaz de criar as condições que permitam à criança:

— Por um lado a explicar-se oralmente de maneira compreensível:

- quanto à pronúncia e a articulação, (particularmente dominar as distinções entre sons);
- quanto à organização da expressão (antes, durante e depois).

— Por outro lado a compreender uma mensagem oral.

O futuro professor deve ser capaz de compreender o que numa mensagem oral para uma criança da 4ª classe pode ser diferente numa outra mensagem para uma criança da 5ª classe:

- quanto ao seu conteúdo;
- quanto à sua forma (sintaxe e léxico);

• quanto à sua recepção (recursos aos gestos, por exemplo, para se fazer compreender);

• quanto à sua tonalidade (séria, engraçada)

3º Objectivo: Aqui agrupamos todos os objectivos de expressão (1). Isto implica da parte do futuro professor:

— Saber traduzir verbalmente e / ou comentar em português as suas acções, seus gestos, suas atitudes, suas produções (um dever, um desenho, por exemplo) para no futuro ser capaz de pedir a um dos seus alunos as mesmas traduções verbais e / ou de pedir comentários.

Assim, é necessário que o futuro professor seja capaz de:

— Formular em português, de maneira simples e clara as suas emoções ou seus sentimentos para no futuro, ser capaz de ajudar uma criança a formulá-las;

— inventar, completar ou modificar em português uma história para poder um dia pedir a uma criança de, por seu turno, inventar outra história, de completá-la ou modificar uma outra.

4º Objectivo: Aqui agrupamos todos os objectivos de comunicação "participar em reuniões e debates sobre temas adequados ao nível (e próximos dos alunos). (2)

Assim, é necessário que o futuro professor:

— Seja capaz de discutir em português sobre factos (presentes, passa-

dos ou futuros) da vida corrente da escola, familiar, local ou nacional.

— Seja capaz de diferenciar os distintos assuntos de conversa com os alunos segundo as diferentes categorias etárias e ser capaz de ajudar os alunos a diferenciar a ordem cronológica das diferentes fases dum relato... e a saberem diferenciar a relação de factos, de experiências e a relação das ideias que suscitam os factos ou experiências relatadas.

— Seja capaz de apresentar e explicar um jogo, um itinerário, o modo de emprego dum instrumento, uma receita da cozinha, etc., utilizando a língua portuguesa, se ele pretende que os futuros alunos façam o mesmo género de exercícios.

— Seja capaz de colocar questões sobre um tema a uma pessoa estranha ao centro de formação se ele quer que a criança seja também capaz de colocar questões a seu pedido, se quer que a criança faça pequenos inquéritos sobre o seu meio de vida.

5º Objectivo: "Dominar as técnicas de leitura: leitura oral e leitura silenciosa. (1)

É necessário que o futuro professor:

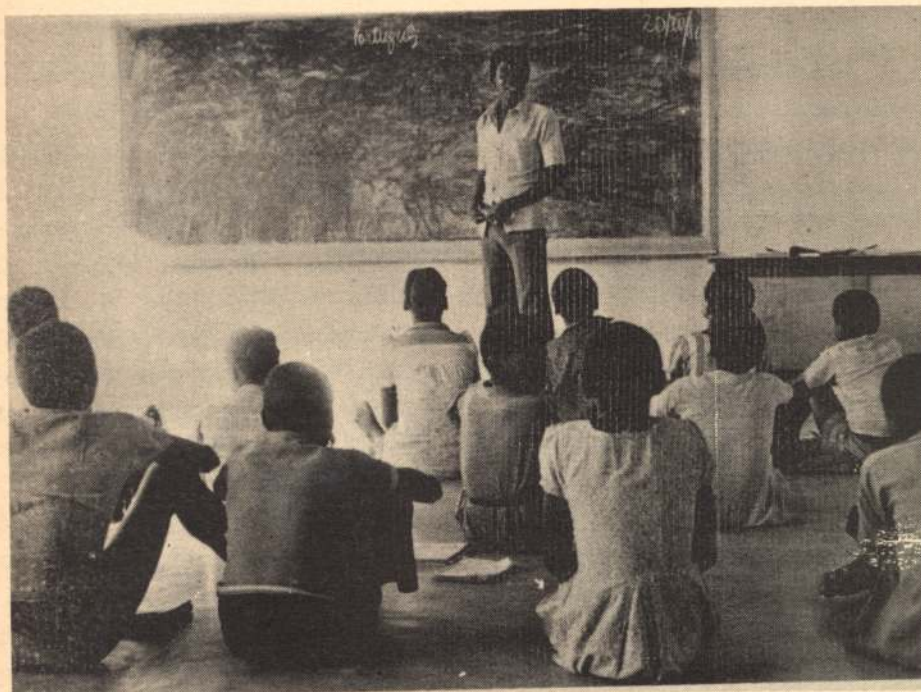
— Tenha a possibilidade de manifestar, durante a sua formação, um interesse pela leitura:

- Leitura para informar;
- Leitura para se distrair;
- Leitura para se documentar (de temas sobre os quais ele será interrogado).

(2) - (3) - Proposta de planificação curricular (Nov.1980) Ensino Primário, Sub-sistema de Educação Geral, MEC

(1) e (2) - Proposta de planificação curricular (já citada)

(1) - Proposta de planificação curricular (já citada)



Para que possa vir a ser um bom professor de leitura.

— SAIBA LER isto é, domine os mecanismos e as técnicas de descodificação, e que seja capaz de ler em voz alta, sem erros, ou de contar aquilo que ele compreendeu depois duma leitura silenciosa; e sobretudo que ele seja capaz de explorar o "saber ler", isto é:

- contar o que acaba de ler;
- inventar o que segue depois da leitura;
- responder às questões do texto;
- encontrar o encadeamento das ideias principais;
- escolher no texto uma frase precisa;
- encontrar de outros textos informações complementares, etc.

Se não domina cientificamente esta matéria como é que o professor poderá pôr em prática estes princípios e criar condições de aprendizagem da leitura?

6º Objectivo: "escrever de forma legível e com clareza" (2)

O futuro Professor deve aprender e ser capaz de praticar as actividades de expressão escrita para fixar para si e para outros o desenrolar duma acção, por exemplo, de comunicar uma mensagem por escrito ou de criar um texto espontâneo ou pedido.

Sem esta compreensão interna do acto de escrever como traduzir para a criança o sentido da escrita?

7º Objectivo: " Conhecer os princípios fundamentais do português". (1)

O futuro professor deve ser capaz de:

- Distinguir as frases dum texto;
- reconhecer se uma frase simples está na forma afirmativa;
- reconhecer os sinais da pontuação usuais;
- reconhecer as funções sintácticas (sujeito, complemento,

(1) e (2) - Proposta de planificação curricular (já citada)

predicado);

- reconhecer as diferentes classes de palavras (verbo, substantivo, artigo, adjectivo, etc.);
- reconhecer as concordâncias;
- e de ser capaz de conjugar correctamente em português.

Se ele deverá ter que aplicar e explicar estas regras para que a criança as possa também aplicar.

8º Objectivo: " Saber aplicar o sistema ortográfico do português". (2)

O futuro professor deve ser capaz de:

- estar atento às formas da escrita e da ortografia em todas as circunstâncias e em todos os domínios das actividades;
- saber recorrer a um dicionário;
- copiar um texto sem erro;
- detectar erros;
- não cometer erros relativos às correspondências gráfico-fónicas e fundamentais;
- escrever correctamente todas as palavras que utiliza; e ainda;
- saber utilizar as regras lexicais e gramaticais da língua.

Além disso, o futuro professor deve ser capaz de criar para a criança as condições de aprendizagem e de atenção a todas estas formas de escrita e de ortografia da Língua Portuguesa.

Manuel Golias, Main Education

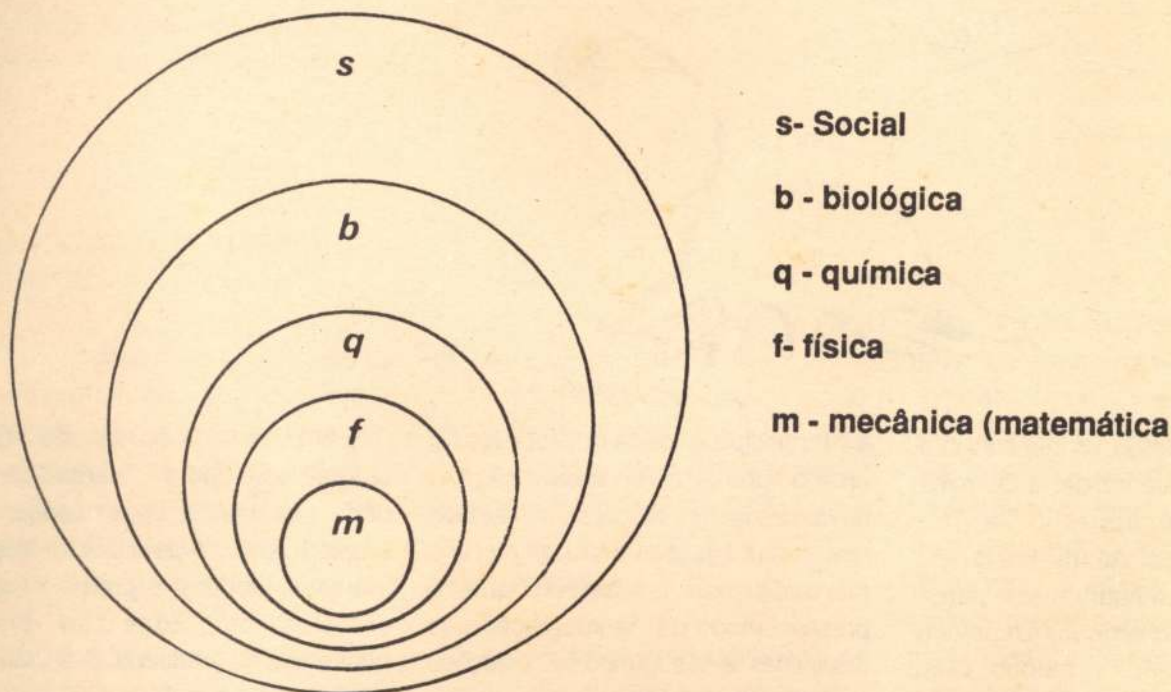
Conti.

A INTERDISCIPLINARIDADE

Com base na Filosofia considera-se que a matéria existe em duas formas principais: substância e campo. Ela ocupa posições diferentes em espaço de tempo distintos.

Esse movimento perpétuo classifica-se em mecânico, físico, químico, biológico e social. O esquema a seguir apresenta as várias formas de movimento da matéria e a interligação entre elas (des. 1):

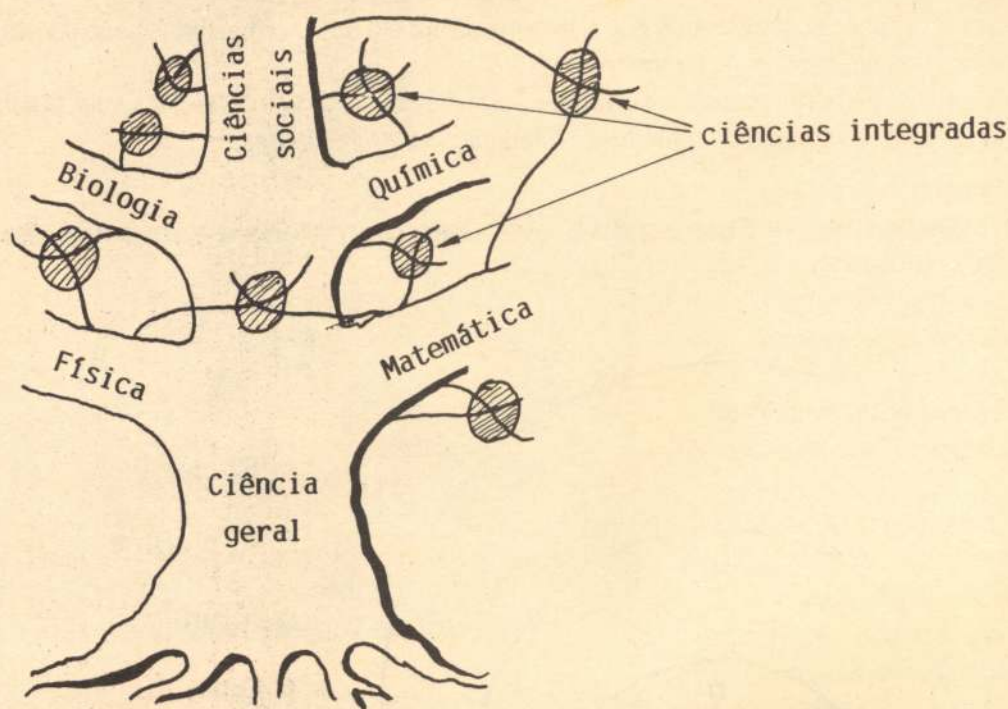
Desenho 1— Formas do movimento da matéria e a interligação entre elas*



O incremento das ciências que estudam estas formas do movimento da matéria apresenta o padrão do desenvolvimento espiral conhecido da Filosofia Moderna. Quer dizer, primeiro, apareceu uma "ciência geral", Filosofia (e os respectivos cientistas). Os cientistas estudavam todos os ramos da Natureza e Sociedade sem distinção. Sendo eles "os enciclopedistas". Depois, com base neste "tronco" da ciência destacaram-se "os ramos", isto é, as próprias ciências: Matemática, Física, etc. No nosso século dá-se o novo processo da ligação das ciências, mas a um nível mais elevado, de conhecimento aprofundado de cada uma delas (des.2)

* Os desenhos nºs 1 e 2 foram feitos pelo Prof. Agostinho Mesa.

Desenho 2
Esquema Geral do desenvolvimento histórico
das ciências em forma de uma árvore



Aparecem, então, as ciências integradas: Etnomatemática, a Química-Física, A Biogeografia, a Psicolinguística. etc. Ao mesmo tempo, as ciências continuam a ser "parentes", tendo as raízes gerais e representando a integridade do mundo. Claro que as tendências modernas têm de ser refletidas no processo do ensino-aprendizagem. Daí, a necessidade de ligação, duma ou doutra maneira, das disciplinas a serem lecionadas na escola. Deste modo apareceu o novo conceito pedagógico: "a interdisciplinaridade". Seria mais correcto dizer que primeiramente apareceu a expressão "as ligações interdisciplinares", mas ela faz parte da interdisciplinaridade e é, portanto, um conceito secundário (d.3):

Então a Interdisciplinaridade no processo do ensino-aprendizagem é a conexão das ligações que existem entre as ciências e dentro destas.

Existem dois pontos de vista quanto

à interdisciplinaridade no processo do ensino-aprendizagem: elaboração das novas disciplinas íntegras e estabelecimento das ligações entre as disciplinas tradicionais. É possível chamar o primeiro modo de: "a integração das disciplinas" e ao segundo de: "Ligações interdisciplinares" (d.3):

A: INTEGRAÇÃO

É a criação dos cursos íntegros que incluem as diferentes disciplinas. Isto é razoável, pois está ligado com a realidade científica. Como já foi dito, apareceram as ciências integradas e sente-se a necessidade da formação de especialistas preparados para este tipo de trabalho. Além disso, do ponto de vista da Pedagogia, podem-se generalizar os conhecimentos separados dos alunos e formar a concepção comum (íntegra) do mundo.

Entretanto, na opinião de alguns autores este tipo de interdisciplinaridade tem muitas desvantagens. Em primeiro lugar, é de salientar que os métodos teóricos e práticos nestas ciências integradas são, principalmente, os métodos das ciências básicas.

Os conhecimentos sobre estes métodos, bem como as habilidades e os hábitos, podem ser assimilados só no processo do estudo das disciplinas tradicionais. Além disso, as disciplinas tradicionais têm a sua própria lógica o que permite transmitir conhecimentos sistemáticos. Hoje existe, ainda, a subdivisão antiga das ciências (e, também, dos nomes das faculdades na escola superior) e, portanto, a escola não pode estar, neste sentido, isolada e querer ao mesmo tempo preparar o homem do futuro. Ela tem de basear-se na realidade, recordando que os peritos dos campos mistos das ciências receberam a sua preparação nos ramos

das ciências tradicionais. Examinando só as tendências novas do desenvolvimento das ciências (bivalência, polivalência, integração) levantam-se muitas dúvidas no processo do ensino-aprendizagem que não podem ser resolvidas sem os conceitos básicos das ciências constituintes.

Outra dificuldade na realização da integração das disciplinas consiste na ausência de professores preparados neste aspecto que também pode ser considerado como um obstáculo principal.

B: LIGAÇÕES INTERDISCIPLINARES

O segundo modo da realização da Interdisciplinaridade são as ligações interdisciplinares (LI). Este modo permite ultrapassar as dificuldades apresentadas anteriormente. As LI relacionam-se duma ou doutra maneira com as disciplinas tradicionais na escola.

Os factos mostram que este último modo é o mais produtivo e progressivo e merece portanto mais atenção.

Em geral, as ligações interdisciplinares são a representação no conteúdo das relações que as ciências modernas possuem.

Elas são a condição didáctica que fomenta o carácter científico, sistemático e sucessivo, a acessibilidade do ensino-aprendizagem e, também, o reforço das actividades cognitivas dos alunos, a memória e a qualidade dos seus conhecimentos, permite desenvolver as compenetrações científicas.

A base psicológica das LI é a formação das associações no cérebro humano. OS psicólogos destacam 4 tipos destas associações:

1. Locais ("Maputo é uma cidade")
2. Particulares (os factos, objectos, fenómenos):
3. Intrasistemáticas (entre os conceitos da mesma disciplinas).
4. INTERSISTEMÁTICAS (interdisciplinares)

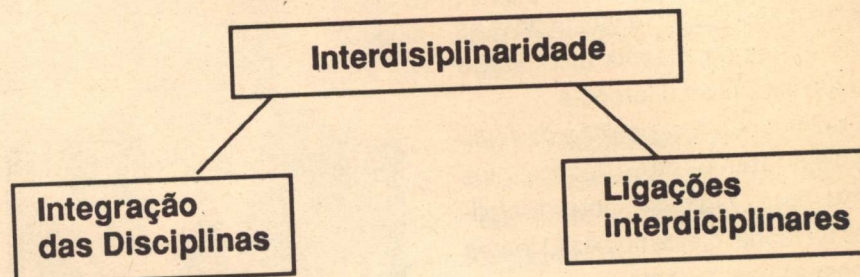
Como seria melhor realizar as LI na escola? Naturalmente, o método mais indicado está ligado com a subordinação e dependência das ciências, apresentada do desenho 1. A sequência ideal das disciplinas escolares deve ser a seguinte: Matemática, Física, Química, Biologia, Ciências Sociais. Mas, ao mesmo tempo, não é possível fazer isto por duas razões. primeiro, os alunos têm já certos conhecimentos, por exemplo, da Biologia ou sociologia há muitos anos. Eles encontram o material biológico, geográfico, histórico muito cedo, às vezes muito mais cedo do que o físico ou o químico. Segundo. O conteúdo das disciplinas escolares não engloba, ainda todos os conhecimentos das

ciências básicas. Por exemplo, ninguém pensa examinando os processos históricos nas reacções químicas que ocorrem no corpo humano, etc. Sendo assim, a escola deve partir desta realidade para a formação do conceito do mundo. Então, a única alternativa na escola é o ensino das disciplinas mais ou menos paralelamente e a formação das ligações entre elas durante o processo do ensino-aprendizagem. neste caso nós podemos dividir as LI em 3 grupos: Ligações acompanhantes, ligações anteriores e ligações posteriores.

1. Ligações acompanhantes (quando a outra disciplina é estudada paralelamente à disciplina dada): por exemplo, o estudo da geografia de um país acompanhado pela sua história.

2. Ligações anteriores (quando a outra disciplina é estudada mais cedo). Há casos em que os conhecimentos anteriores servem de base ao que se ensina.

Desenho 3



3. Ligações posteriores (a outra disciplina vai-ser estudada mais tarde).

Esta classificação é válida para as várias partes da mesma disciplina e para as disciplinas diferentes.

Continuando a exposição da realização das LI temos de destacar alguns pormenores: Ligações interdisciplinares na teoria. Neste tipo de LI temos de basear-nos durante o ensino da disciplina nos dados necessários das outras disciplinas. Os professores das ciências naturais, por exemplo, têm de examinar os programas de todas as outras disciplinas e descobrir as possibilidades da sua ligação. Aqui é necessário sublinhar que para o conhecimento duma disciplina apresentada no desenho 1, é preciso conhecer aquelas ciências que lhe são anteriores. Por exemplo, para conhecer a Física é necessário conhecer a Matemática para conhecer a Biologia é necessário conhecer a Matemática, Física e Química. Neste caso as LI tendem a ser mais ou menos obrigatórias, visto que as disciplinas básicas prestam os fundamentos necessários para a disciplina dada.

Por outro lado, para conhecer uma disciplina não é necessário, objectivamente, conhecer aquelas que estão em cima do esquema. Por exemplo, para a Química não é preciso conhecer a Biologia, etc.

Contudo, do ponto de vista da Didáctica, há que criar estas ligações. Na Química, por exemplo, apresentam-se os problemas biológicos que podem ser resolvidos quimicamente. Na Física analisam-se os aspectos físicos das reacções químicas, ou dos organismos vivos, etc. Aqui importa fazer-se a análise dos objectos e fenómenos que ocorrem noutras



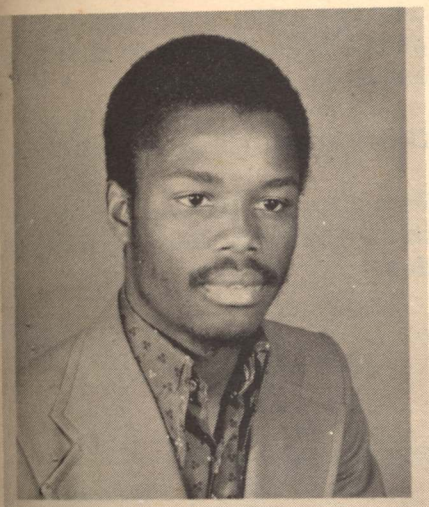
Dr. Vladimir Kolesnikov

ciências do ponto de vista da ciência dada.

Seria desejável ter o mesmo **objecto ou fenómeno** para estudar sob o ponto de vista da nossa ciência. Os professores que elaboram os programas devem escolhê-los e incluí-los no curso. Um dos exemplos possíveis aqui é o **oceano**. Na Matemática examinam a sua forma, fazem os cálculos. Na Física analisam-se as suas características físicas. Para a Química é importante estudar a composição química do oceano, as soluções, transformações dos compostos, etc. Os biólogos apresentam a informação sobre a fauna e flora. Os geógrafos estudam a posição do oceano no mapa, seu significado para o país, população, etc. Nas aulas de literatura os alunos podem conhecer os contos, obras literárias ligadas ao oceano. Na História dá-se informação sobre a dependência do desenvolvimento histórico duma região relativa à existência do oceano, e assim por diante. Ao mesmo tempo, o estudo do objecto ou fenómeno deve ser subordinado à lógica da própria disciplina e não deve ter carácter artificial. Por exemplo, existiram as tentativas negativas de ensinar paralelamente (sem a lógica interna) o mesmo objecto em todas as aulas das várias disciplinas: "a galinha" na

Matemática, Física, Química, Biologia, geografia, História, Literatura.

O estudo da matéria não deve perturbar a aquisição de conhecimentos da ciência com a sua própria estrutura e tem de ser um processo natural. Com a realização das LI devem ser apresentados os **problemas que têm carácter interdisciplinar**. Uma das formas mais indicadas para o efeito, é o aspecto ecológico e a defesa do meio ambiente. A sua apresentação afigura-se hoje indispensável em todas as disciplinas escolares. Neste caso, e isso é verdade para os outros temas, os didactas devem analisar, que partes do tema podem ser examinadas nos termos de uma disciplina concreta e o que pode ser entregue para as outras disciplinas escolares. As disciplinas que estão imediatamente em baixo no esquema (des. 1) têm de preparar a base necessária para as outras disciplinas. Na biologia, por exemplo, a estrutura das "substâncias da vida", em primeiro lugar, os ácidos nucleicos, as proteínas, devem estudar-se com base nos conhecimentos químicos. neste sentido seria melhor coordenar os programas. mas até agora isto ainda não foi possível. Por isso, devem abordar-se os conteúdos num nível baixo e não aprofundado. Isso não é totalmente negativo, pois qualquer dos nossos conhecimentos é só um modelo possível do mundo. Deve apenas ter-se o cuidado de não cometer erros científicos como, por exemplo, dizer que a "terra é um disco". Para realizar isso é necessário fazer-se um trabalho didáctico. os professores devem saber em que ciência se baseia cada assunto, ou seja, a compreensão da cada questão, e o que é que os alunos já conhecem em cada ciência. Assim pode-se atingir o nível mais adequado da exposição da matéria.



Dr. Timóteo Bonga

Ligações interdisciplinares nas experiências. Pode-se estabelecer as LI através das **experiências interdisciplinares**. Por exemplo, é possível resolver os problemas biológicos com ajuda das provas químicas ou físicas examinando a transpiração das plantas ou composição química dos organismos, etc. É útil elaborar as experiências para as várias disciplinas com o mesmo objecto, fenómeno ou problema, por exemplo, a análise prática do meio ambiente através das experiências das disciplinas concretas.

É aconselhável analisar e aplicar o método prático geral que se usa em alguma ciências. Um padrão disto é a cromatografia em camadas finas. Este método é muito fácil de realizar na escola e usa-se para a análise simples

e rápida das substâncias individuais e misturas. A base deste método é física (processo de absorção). Ele aplica-se em todos as esferas onde se trata de substâncias: na Química, Biologia, Geografia, Medicina, Agricultura, etc. A característica das substâncias analisadas deste modo pode ser qualitativa ou quantitativa (um simples cálculo matemático). Então, o método prático também pode ter o carácter interdisciplinar.

Além do que já foi explicado, não podemos esquecer que o carácter interdisciplinar tem, também, o seguinte aspecto: a aplicação nas disciplinas dos mesmos símbolos, unidades de "SI" (Sistema internacional), termos, definições e, além disso os conhecimentos, habilidades e hábitos gerais (por exemplo, escrita, leitura, cálculos, uso do livro, utilização dos computadores), Assim, as LI facilitam o estudo das disciplinas e, ao mesmo tempo, mostram as ligações, entre estas dos vários pontos de vista favorecendo o processo da generalização dos conhecimentos na consciência dos alunos. De um modo geral pode-se dizer que as LI são o nível mais alto das generalizações, em outras palavras, "a generalização das generalizações", quer dizer a sistematização das leis e das conformidades com a lei, das teorias e ideias principais das ciências. Assim, formam-se as categorias principais do mundo qua são: matéria, consciência,

natureza, movimento, energia, desenvolvimento da Natureza. Resumido, é necessário destacar as fases da realização das LI no processo de ensino-aprendizagem que, na nossa opinião, são:

1- Elaboração das concepções de ensino-aprendizagem das disciplinas escolares com objectivo do seu aperfeiçoamento.

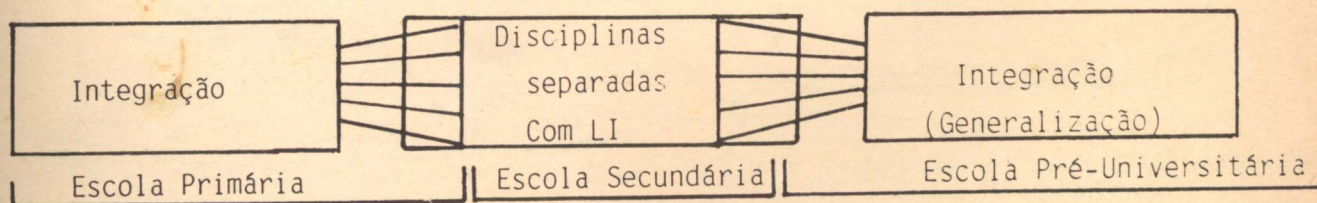
2- Elaboração, com base nestas concepções, dos programas de ensino das disciplinas.

3- Análise dos programas das disciplinas ligadas e coordenação da matéria apresentada para estabelecer as LI.

As 2ª e 3ª fases podem ser realizadas paralelamente, se fôr possível.

Nestas fases requer-se o grande papel dos técnicos dos Sistema Nacional de Educação.

Tomando em conta duas das realizações da interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem na escola, propõe-se o seguinte esquema possível:



Vladimir Kolesnikov
Timóteo Bonga

extinto	aceso
	findo



comece aqui

nítido	vago
	claro

Em cada caixa está uma palavra à esquerda e duas à direita. Escolha uma das palavras à direita que lhe pareça ser sinónimo da palavra à esquerda.

Depois siga a linha até outra caixa.

Para chegar à ilha terá que encontrar todos os sinónimos adequados.

azedo	ácido
	ávido

renome	exigência
	fama

grudar	colar
	sublinhar

abastança	fraqueza
	riqueza

ciente	conhecedor
	ausente

omitir	permitir
	excluir

delícia	esperança
	prazer

demolir	constrir
	destruir

duvidoso	incerta
	malicioso

disputa	acordo
	debate

calcar	pisar
	embranquecer

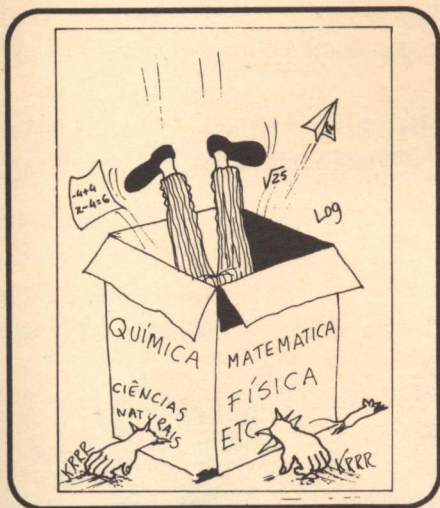
combinar	reparar
	agrupar

façanha	proeza
	fraqueza

rigor	energia
	valor



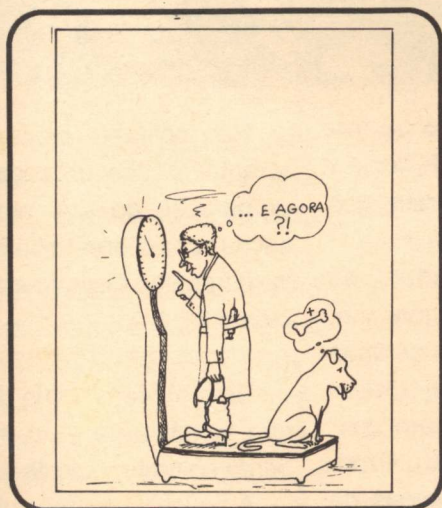
O EXEMPLO TÍPICO DE UM ENSINO ANTICIENÉTICO



1. Ocupa a Matemática hoje um lugar desmesurado no ensino científico? A famosa "selecção pelas matemáticas" que parece lógica para um futuro engenheiro, justifica-se ela para um futuro veterinário (ele próprio deve seguir também a peneira das matemáticas superiores-matemáticas especiais)?



3. O mesmo problema para o engenheiro: ele tem sobretudo necessidade das matemáticas aplicadas, embora durante toda a sua escolaridade, ele tenha feito senão matemática pura, apresentada sob uma forma inutilizável na prática.



2. Com efeito o absurdo não existe aí. Como todo o homem de Ciência um veterinário tem necessidade da matemática... mas não daquela que se ensina nas classes preparatórias das grandes escolas.



4. É uma questão que diz respeito ao comum dos mortais: todos nós temos necessidade da matemática. Mas não daquela que causa estragos hoje nos colégios.

As Mulheres do Terceiro Mundo

As mulheres representam mais de 50% da população mundial, e consti-tuem um terço da população activa oficial. Elas executam cerca de dois terços do conjunto de horas de trabalho.

Consequentemente, elas recebem 10% da receita mundial e possuem menos de 1% dos bens mundiais.

De acordo com as culturas dos países onde vivem, elas desempenham papéis sociais e económicos muito diferentes. No entanto, a sua situação de trabalho no campo, na cidade apresenta as mesmas características: mão de obra dócil, barata, sem qualificação.

As mulheres realizam um trabalho que não é valorizado, é subestimado, e não é tomado em conta nos projectos de desenvolvimento. Todavia tem uma importância económica vital e determinante para a sua sobrevivência e a da sua família.

O TRABALHO AGRÍCOLA

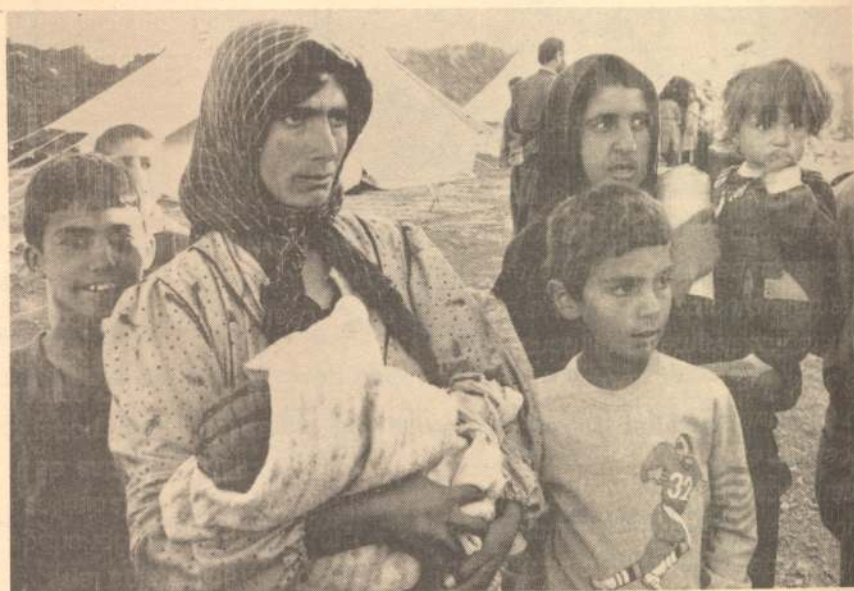
A maior parte das mulheres do terceiro Mundo vivem e trabalham no campo.

Na América Latina as estatísticas são "falsas". As próprias mulheres subestimam o trabalho feminino. Com efeito, através de inquéritos sobre a sua actividade principal, as mulheres diziam ser "donas de casa", qualquer que fosse no entanto o trabalho agrícola que elas realizassem.

O trabalho das mulheres do 3º Mundo não tem fim. Às tarefas produtivas juntam-se os trabalhos domésticos, carregar a água e a lenha, a preparação dos alimentos, os cuidados e a educação dos filhos...

O trabalho das mulheres não é reconhecido:

No Mali as actividades das mulheres no campo variam de acordo com a época agrícola e são defíceis de contabilizar em horas de trabalho e variam de acordo com o estatuto, a idade e a posição no seio da família de cada uma das mulheres. A organização do trabalho está ligada à organização social e as mulheres revezam-se no cultivo da machamba, podendo alugar o material para a preparação da terra. Os salários que são de 500 a 750 para os homens por um período de trabalho das 8 h às 10 h, são de 250 para as



mulheres, porque o período de trabalho é menos longo por terem os trabalhos da cozinha é de tratar dos filhos...

Na sua parcela individual as mulheres cultivam arroz, amendoim, milho. Estas culturas são obrigatórias porque as mulheres têm um acesso difícil ao material e estão em concorrência com os homens que utilizam as alfaías agrícolas nos campos de cereais.

Apesar desta situação, as mulheres obtém um rendimento espantoso. Pode falar-se mesmo de uma **real competência** e de um **saber técnico** das mulheres.

Não obstante estes dois trunfos raramente são utilizados. Desde a preparação do solo até à segunda sacha as mulheres trabalham 106 dias. Se o trabalho fosse mecanizado, bastariam 51 dias.

Uma modernização da agricultura que constitui para as mulheres uma perda de emprego e de remuneração.

A maior parte das culturas de exportação apresentam um interesse económico. Elas são propostas e controladas pelos homens. As mulheres vêm-se assim constrangidas e deitar mão das culturas alimentares, que não são geradoras de receitas monetárias.

Um exemplo na Costa do Marfim

Num palmar da Costa do Marfim, as culturas de exportação (café e cacau) substituem as culturas alimentares (mandioca, banana...) ora as mulheres recebiam em produtos (óleo de palma) ou no equivalente em dinheiro cerca de 38% dos "lucros" do palmar.

Progressivamente os homens vão guardar os lucros das culturas do café e do cacau pedindo às mulheres a sua colaboração nas tarefas que são tradicionalmente delas (a recolha, a divisão, o pilar).

Actualmente as mulheres africanas que vendem no bazar o excedente das suas próprias machambas e que tiram dessa venda um benefício que lhes garante uma relativa independência económica e social, dispõem cada vez menos de tempo para fazer o seu pequeno comércio e a sua machamba pessoal. Elas vêm os seus lucros a baixar ao mesmo tempo que as tarefas aumentam. Quatro elementos principais explicam estes fenómenos:

— Os projectos de desenvolvimento, as subvenções dos governos só dizem respeito a culturas de exportação. A superfície, a diversidade das culturas alimentares diminuem e conduzem a uma baixa de rendimento e de lucros.

— No que diz respeito à formação as mulheres ficam frequentemente à margem da formação em novas técnicas de culturas e de gestão; as culturas que exigem um saber fazer tradicional, e o trabalho árduo continuam a ser da sua área de competência, enquanto que o trabalho mecanizado, com as novas técnicas (adubos, pesticidas, irrigação...) são para os homens.

As mulheres não são admi-

tidas preferencialmente nas cooperativas e sindicatos. O acesso às cooperativas de produção e de comercialização é, nesta fase, a única maneira de obtenção dos créditos e da terra.

Em relação à propriedade, as mulheres perdemos seus direitos sobre as terras e são afastadas da redistribuição das terras, não podendo recebê-las em seu próprio nome, pois que é o homem que é reconhecido como "chefe de família" único parceiro económico.

As condições de trabalho nas plantações do Sri Lanka no princípio do século XIX, nas plantações exploradas pela Grã-Bretanha, as equipas de trabalho compreendiam uma ou duas mulheres para 50 ou 100 homens. mas rapidamente estas mulheres foram consideradas indispensáveis para o colheita das folhas de chá. A sua jornada de trabalho, que dura das 5 h às h, deixava-lhes uma hora apenas de intervalo, pois que tinham que fazer nesse período a refeição do almoço e do jantar, antes de voltarem ao trabalho que ia até ao sol se pôr.

Em 1972, apesar das nacionalizações das plantações que pertenciam aos proprietários privados ingleses, a sua situação não sofreu transformações revolucionárias e até piorou. As mulheres constituem hoje cerca de 55% dos trabalhadores.

Hoje coloca-se o problema de escolaridade: As famílias operárias só dificilmente conseguem pagar a escola e empregam as suas filhas como criadas a partir dos 7 a 8 anos.

Aos 14 anos estas raparigas são enviadas para o trabalho das plantações e ficam sem possibilidades de educação.

O salário das mulheres é inferior em 25% ao dos homens apesar de elas constituírem o "agente principal"

do trabalho das plantações.

O trabalho que elas fazem é considerado muito delicado e muito difícil. É pois reservado às mulheres "dotadas de dedos delicados" que podem colher as folhas do chá sem as amachucar.

Por um salário de um dia, as mulheres colhem um cesto de 15 kg de folhas que transportam às costas e em seguida caminham 2 km para entregar na fábrica.

Não há protecção médica contra as sanguessugas, as cobras, a chuva, o sol. Não existem também hospital ou maternidade nas plantações. O único transporte possível até ao hospital mais próximo é um tractor disponível no fim do dia do trabalho.

Assim, a taxa de mortalidade nos partos é mais elevada nesta região do que no resto do país. Colocam-se igualmente, nesta região, problemas de nutrição importantes.

A vida destas mulheres pode resumir-se deste modo:

- Aos 25 anos, já com sete filhos;
- Aos 35 anos, mulheres já envelhecidas;
- Aos 45 anos elas morrem!..

Os sindicatos negligenciam o problema destas operárias. Não existem responsáveis femininas nas plantações. O governo do Sri Lanka beneficia com este trabalho. Para produzir um kilo de chá, ele gasta 20 rupias, é de referir que as taxas de exportação rendem-lhe 30 rupias por kilo de chá, 65% dos lucros do Sri Lanka em moeda estrangeira provêm do chá.

O êxodo para as cidades

Devido à emigração dos homens para as cidades, muitas mulheres

encontram-se sozinhas na situação de chefes de família, responsáveis pela sobrevivência da família.

Assim, nas Filipinas 20% dos lares têm uma mulher à cabeça. Este número atinge 36% no Kênia e mais de 40% na América Latina.

Contudo, a dificuldade de emprego e de lucros da machamba levam cada vez mais a própria mulher a emigrar para as cidades.

Dada a sua fraca formação, elas aceitam não importa que tipo de trabalho nem em que condições. Nas filipinas 60% dos emigrantes são mulheres dos 11 aos 20 anos.

Na América Latina a proporção de mulheres em relação aos homens é inversa da normal. O fenómeno está a aumentar em África.

Nas cidades, os pequenos ofícios são: lote que cabe à mulheres. No sector não formal, não estruturado são numerosas as mulheres que efectuam as actividades mais diversas: recolha dos lixos, das cozinhas, dos hospitais, dos matadouros, consertos...

As domésticas representam o primeiro trabalho feminino. Na América Latina, por exemplo, 70% das mulheres activas são domésticas. Este número é de 37% para as sul-africanas, que

vivem nas cidades.

As mulheres domésticas são em geral mulheres dos emigrantes, sem formação.

Completamente fora da protecção ao trabalho, elas ignoram os acordos colectivos de trabalho; estas mulheres isoladas, não integradas numa organização sindical, estão inteiramente dependentes dos seus patrões.

As mulheres que se dedicam ao comércio representam em África mais de metade da população feminina.

Na Ásia do sudoeste este número ultrapassa os 50% mas é de somente 10% na América Latina.

Na África Ocidental as mulheres conseguiram constituir-se numa associação de mulheres comerciantes "Women Markets". Mas o seu poder económico está limitado devido à falta de acesso ao crédito, à dificuldade de conseguir o aproveitamento junto dos grossistas. O leque das suas vendas encontra-se assim reduzido, limitado pelo peso das necessidades familiares, à sua produção de alimentos de artesanato local.

Foi de pequeno lucro mas estável, o seu comércio fica por vezes em perigo perante a concorrência dos produtos manufacturados... (plásticos)

produzidos ou não localmente.

A Prostituição

As mulheres que chegam à cidade, provenientes do campo e sem nenhuma formação e um mínimo de educação pouco tentadas por um trabalho não específico que nem lhes assegurará a sua subsistência, são frequentemente levadas a fazer o comércio dos seus corpos quando não é a própria família que as encaminha para isso para pagar as dívidas.

Em África é grande a prostituição feminina sobretudo nas cidades onde predominam os homens. Esta prostituição realiza-se entre africanos. Na Ásia do Sudeste, nos países-chaves do "turismo de sexo": Tailândia, Filipinas, Coreia do Sul, a prostituição e as actividades e ela ligadas (hotéis, restaurantes, agências de viagens, lojas de recordações...) constituem uma verdadeira fonte de divisas logo a seguir ao arroz e ao açúcar e contribui deste modo para um equilíbrio da balança comercial.

Na R.F.A., nos Países Baixos, no Japão na Arábia Saudita... os "sex tours operator" oferecem toda a espécie de serviços: Publicação de catálogos de fotos para facilitar a escolha de mulher disponível nesse país exótico, compra de mulher "vendidas em casamento" mas frequentemente para serem prostitutas no estrangeiro. Por exemplo, a linha aérea alcunhada a "gonnorreia express" faz a ligação todos os domingos entre Amsterdão e Bangkok.

Em Bangkok, 5% da população feminina vive da prostituição. Elas são 300.000 contando com as massagistas, as empregadas dos bares...

Tal como as Filipinas e a Coreia do Sul a Tailândia conheceu a presença



massiva de soldados americanos até 1976. Os bares, clubes nocturnos, os salões de massagens, os hotéis multiplicaram-se no Nordeste, à volta das bases Americanas, para satisfazer os prazeres dos soldados "em descanso e divertimento". Após a partida das forças americanas, estas mulheres imigraram para Bangkok. O governo, apesar de ter declarado a prostituição ilegal, fecha os olhos a este tráfico de mulheres.

De todas as maneiras são muitos os oficiais, os políticos... que tiram proveito do "turismo sexual".

O sector da indústria tradicional e do trabalho no domicílio

As mulheres desempenham hoje um papel importante nas indústrias de artesanato local, em especial durante os períodos de pouca actividade na agricultura.

Os métodos de produção (procedimentos técnicos básicos) e a organização do trabalho são mais leves: elas podem então combinar o seu trabalho com as suas tarefas caseiras.

O trabalho em casa é lhes frequentemente reservado sobretudo nos países muçulmanos. Isoladas nas suas aldeias ou lugares, endividadas, elas estão numa dependência quase absoluta so seu patrão.

Por exemplo, as indianas que fazem rendas na região de Narsapour não são contabilizadas dentro da população activa. Assim, elas realizam uma jornada de trabalho de 15 horas com um salário diário de 0,56 rupias apesar do mínimo vital ser de 1,6 rupias. Este trabalho continua invisível e com carácter clandestino.

Mas as indústrias modernas, as maiores em especial, afastam progres-

sivamente do circuito do trabalho as indústrias locais. As mulheres perdem deste modo o seu ofício assim como o tipo de produtos que elas confeccionavam (vestuário, tecidos, charutos, fósforos... feitos à mão) que são substituídos por produtos manufacturados que empregam de preferência homens, melhor qualificados, para a sua fabricação.

As mulheres são empregadas em razão da sua "qualificação natural" da sua formação no seio da família, não se tomando em conta o seu salário. Em função também da sua docilidade para as actividades monótonas, custosas e mal pagas.

Para justificar o magro salário das mulheres, desvaloriza-se o seu salário no rendimento familiar: "salário de sobra" "extra"...

Em certas indústrias como a electrónica, as mulheres são submetidas a um desgaste precoce. As doenças mais frequentes atingem a vista e a pele. Para atrair os capitais, os governos não hesitam em fazer acordos de concessão com os industriais: suspensão dos direitos políticos e sociais das trabalhadoras, relaxamento do código do trabalho e das leis sobre o salário mínimo, com-isenção dos pagamentos a segurança social.

As mulheres estão presas num círculo vicioso

Jeanne Bisiliat constata: "As mulheres estão presas num círculo vicioso. A sua falta de qualidade leva à pobreza, que por sua vez origina a fome e acentua a submissão".

Os efeitos sobre a saúde das mulheres e da família são muito dramáticas: 2/3 das mulheres estão mal alimentadas. A taxa de mortalidade é de 5 a 30 por 100.000 nos

países do Norte e é de 500 a 100 nos países do Sul.

Isto é devido ao círculo muito rápido da reprodução: gravidezes, nascimentos, períodos de aleitamento, fadiga...

Parece tornar-se pois necessário adaptar os programas de educação e de formação às suas necessidades. Ora, segundo as Nações Unidas os programas de formação para as mulheres centram-se unicamente na saúde, alimentação e planeamento familiar. Um ênfase deverá ser dado sobre as ciências e as tecnologias.

Será conveniente também fazer participar as mulheres nos projectos de desenvolvimento, de melhorar o seu tempo de trabalho e as suas tarefas domésticas desenvolvendo tecnologias apropriadas, como aquelas que já existem em África: moinhos de vento para a bombagem de água, moinhos manuais de moer grãos ou montados sobre uma roda de bicicleta, fogões solares...

Torna-se igualmente necessário adaptar os programas de planeamento familiar à situação particular de cada país, de cada economia. Na maior parte dos casos um grande número de crianças garante o prestígio e a segurança assim como uma mão de obra abundante para o trabalho da terra.

Contudo, as mulheres do Terceiro Mundo não são nem passivas, nem subjugadas. É necessário mesmo admirar a sua engenhosidade, a sua criatividade para fazer face aos múltiplos problemas que elas enfrentam. "É tempo de as mulheres deixarem de ser o exército de reserva do pobre proletariado". E não só um problema de justiça, mas também de civilização.

Texto adaptado por - Eulália Maximiano de Dominique Mear - in Bulletin Cridev
Traduzido pelo CDIP INDE

TROCA DE EXPERIÊNCIA

O Papel Educativo da Biblioteca Escolar no Ensino Primário

Este é um pequeno contributo para uma reflexão sobre a problemática da educação em Moçambique, sobretudo na primeira fase de desenvolvimento dos alunos-na Escola Primária, e também sobre o papel que a Biblioteca desempenha como factor dinamizador da ciência e cultura.

Talvez se coloque a questão: por que realçar o papel educativo da biblioteca Escolar no ensino Primário?

A minha preocupação fundamental consiste em que se dê maior atenção à escola primária, pois ela é a escola básica de qualquer sistema de Educação além disso ela comporta o maior número da população estudantil.

Nós sabemos que os hábitos e o comportamento diante da vida e sociedade são formados na primeira infância, na primeira fase escolar, tornando-se difícil ou quase impossível adquirir-los na fase adulta.

Cabe pois à escola desde cedo ensinar ao aluno a ser organizado, disciplinado, participante activo em todas as actividades escolares.

Ao professor compete preparar o aluno de modo a que ele saiba dar a sua própria opinião, a fazer um juízo crítico, a construir algo que por mais modesto que seja terá um valor incomparável pela sua criatividade, a participar conscientemente no processo contínuo de auto-criação, a ser independente, a exercer um cargo de responsabilidade.



Dr.ª Alda Jorge

Comenius chamou à escola primária a "oficina da humanidade". Ela é pois o alicerce fundamental do sistema de educação, o momento decisivo para uma acção educativa eficaz, sem dúvida.

Será que o que os nossos alunos aprendem na sala de aulas é suficiente para a sua auto educação e formação?

O nosso aluno da 6ª classe não sabe consultar um dicionário e muito menos um atlas geográfico.

O trabalho extra-aula completa a tarefa educativa dirigida e realizada na sala de aulas.

Uma das formas de trabalho extra-aula é a actividade realizada pela biblioteca escolar.

Krupskaia realçou a importância do trabalho extra-escolar com as crianças, pois que ele eleva os conhecimentos dos alunos, provocando neles interes-

ses para os vários campos da ciência, desenvolvendo os seus talentos, seu carácter, e a organização correcta do seu tempo livre.

A Biblioteca contribui para o fortalecimento da escola facilitando assim o trabalho da mesma.

É importante que o professor se preocupe com a elevação do seu nível educativo e cultural de modo a contribuir também pelo seu exemplo, para a elevação do nível educativo e cultural dos alunos.

Dado o avanço contínuo da ciência e técnica urge criar no nosso país livre e independente bases para o desenvolvimento social e económico. Deste modo é importante que a escola a quem cabe a árdua e honrosa tarefa de formação do construtor da nova sociedade, prepare o aluno para a sua auto-aprendizagem, auto-educação, ensinando-lho através da Biblioteca como se aprende, como se consulta, como se investiga de forma que lhe seja fácil no ensino superior e na sua vida particular.

O aluno de qualquer grau de ensino que saia da escola preparado para fazer o seu estudo sózinho será capaz de realizar trabalhos de pesquisa e será um grande estudioso. Isto permitirá que ele possa compreender, ajustar-se e participar activamente nas diferentes fases de desenvolvimento sócio-económico e cultural, o que vai contribuir para sua auto-afirmação e

êxito profissional e social.

O funcionamento correcto da Biblioteca Escolar nas nossas escolas permitirá em certa medida a eliminação do ensino formal, onde se recorre ao livro do aluno ou ao manual do professor e a poucas ou nenhuma obra de consulta, mesmo tratando-se do dicionário ou do atlas.

É importante que se habitue o aluno a encontrar respostas por si mesmo, aos problemas que surgem no processo de trabalho, a utilizar distintos materiais quer sejam livros ou publicações periódicas e a dirigir-se a especialistas para fazer consultas.

Então o que é a Biblioteca Escolar?

A Biblioteca Escolar não é senão um centro de difusão da cultura e educação dos alunos. Ela desempenha um papel fundamental como factor dinamizador da ciência e cultura.

A Biblioteca Escolar atende fins essencialmente educativos, proporcionando ao professor por um lado, obras necessárias para melhor preparação das suas aulas e oferecendo aos alunos por outro, livros e outros materiais indispensáveis para completar os temas do programa escolar.

Quais são os objectivos da Biblioteca Escolar?

De entre outros destacam-se os seguintes:

- Fazer parte do currículo escolar, indo ao encontro das necessidades dos alunos, dos professores e da própria comunidade onde a escola está inserida.

- Oreintar os alunos em todas as fases do processo de aprendizagem da leitura, contribuindo para a aquisição da capacidade de julgamento crítico e o hábito de ler.

- Colaborar com os professores na selecção e utilização de todos os tipos de materiais bibliográficos e recursos audio-visuais que sejam úteis aos seus programas de ensino.

- Criar nos alunos hábitos, habilidades e capacidades indispensáveis na formação da sua personalidade.

- Desenvolver o espírito de investigação.

- Ampliar o horizonte cultural e científico do colectivo escolar.

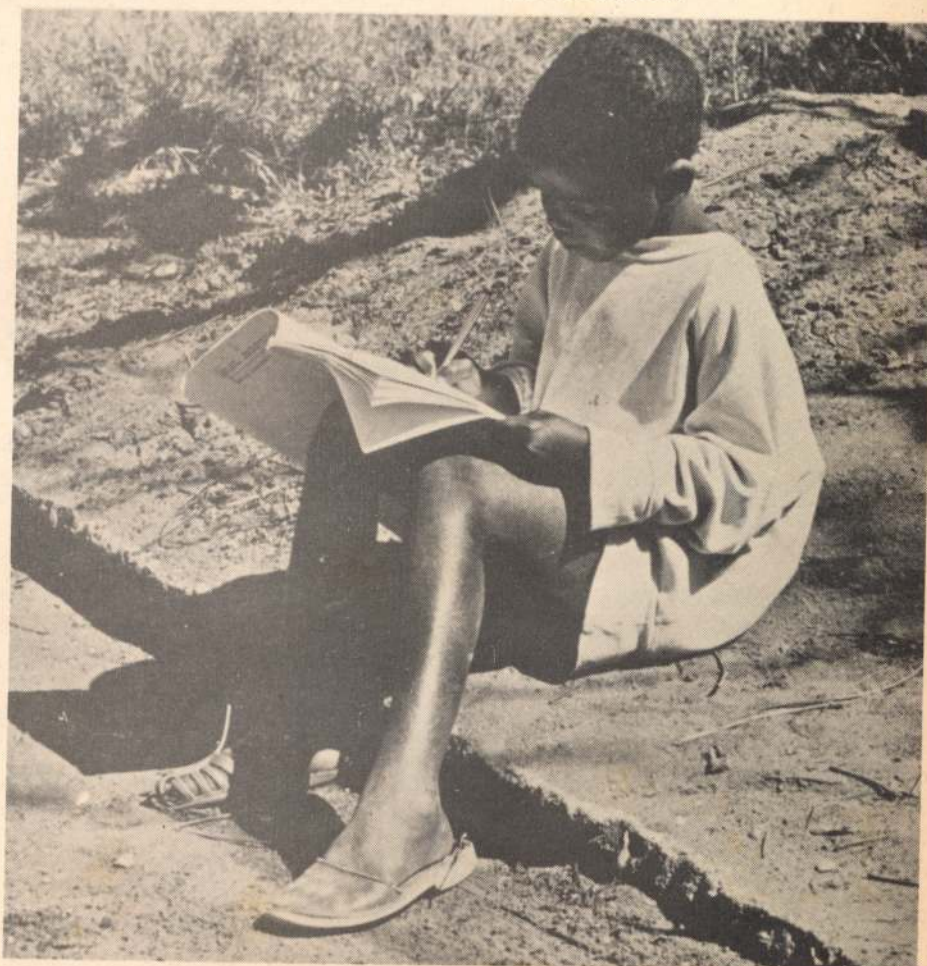
- Desenvolver habilidades para o estudo independente.

Algumas sugestões de Actividades da Biblioteca

- Orientar os alunos nas suas leituras

- Ensiná-los a utilizar o acervo da Biblioteca

- Desenvolver actividades que complementam o trabalho da aula e despertem o interesse pela leitura. Por exemplo, ensinar os alunos a arquivar os melhores trabalhos da disciplina de História 4ª classe (entrevistas, história da escola, etc.)



- Divulgar toda a informação pedagógica necessária aos alunos e professores.

- promover palestras sobre assuntos de interesse actual, apresentados por elementos da comunidade.

- Promover exposições de livros novos e interessantes.

- Promover concursos de desenhos, composições, cartazes, poesia e outros.

- Promover a "Hora do Conto"
a "Hora da Leitura"
a "Hora do Teatro"

- Promover debates sobre os livros lidos.

- Promover encontros com os autores dos livros escolares

- com alguns escritores
- com músicos
- com pintores
- etc.

- Conversar com os alunos sobre datas comemorativas importantes.

- Fazer trabalhos com barro, montando personagens, cenas da leitura explorada, etc.

- Elaborar um jornal da escola.

- Outras actividades podem ser desenvolvidas de acordo com as necessidades e a prática escolar.

Nota: É importante que o professor programe certo tipo de actividades que os alunos possam desenvolver consultando o acervo da Biblioteca. Por exemplo, mandar procurar no dicionário

o significado de palavras difíceis, promover discussões sobre leituras efectuadas, etc.

O Acervo da Biblioteca Escolar

A Biblioteca Escolar deve conter o acervo documental de acordo com as necessidades dos seus utentes. Ele deve ser actualizado e constituído por livros didácticos (escolares) e metodológicos, literatura infantil e juvenil, mapas folhetos, recortes, postais, filmes, discos, diapositivos, obras de referência, publicações periódicas, jornais.

Com os livros didácticos e metodológicos o professor terá a possibilidade de preparar melhor as suas aulas, enriquecer-se-á no sentido de sua auto-formação pedagógica.

Os livros infantis e juvenis despertarão nos alunos interesse e motivação levando ao hábito de leitura para toda sua vida.

Publicações periódicas (revistas) quer as noticiosas, as de carácter pedagógica quer as de passatempo, por exemplo a Tempo, Kurika... são importantes para atrair os leitores para a Biblioteca.

Jornais onde professores e alunos poderão conhecer factos importantes do país e do mundo.

Se a escola possui alunos adultos, no caso de cursos nocturnos é importante que haja também livros que os adultos gostem de modo a despertar neles o gosto e hábito de leitura.

A Biblioteca Escolar deve organizar-se de modo a criar duas secções: uma de obras para o professor e outra para os alunos.

A primeira constituída por obras de carácter pedagógico, metodologia geral e especial das disciplinas escolares.

A segunda por enciclopédias, dicionários (que servirão também para a consulta dos professores e os livros propriamente escolares).

O professor pode programar certo tipo de actividades que os alunos possam desenvolver consultando o acervo da biblioteca. Por exemplo, mandar procurar no dicionário o significado de palavras difíceis, promover discussões sobre leituras efectuadas, etc.

É importante que o professor procure interessar a criança pela leitura. Ele pode consegui-lo de diferentes maneiras dependendo da sua capacidade imaginativa e iniciativa.

Que qualidades deve ter o bibliotecário?

Tal como acontece com qualquer profissão, a chave para um bom serviço educativo da Biblioteca é o bibliotecário competente.

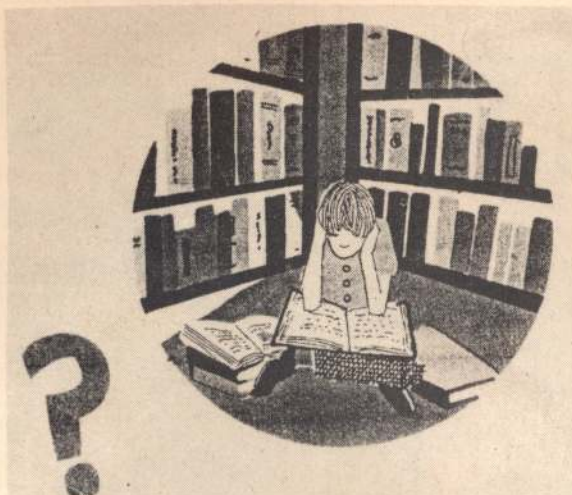
De preferência deve ser um professor com muita experiência de ensino.

Deve possuir conhecimentos actualizados dos livros didácticos, obras de referência, tendências da educação, etc.

Ele deve saber compreender a criança, ter habilidade para orientá-la, ele deve possuir boa saúde, bom tacto pedagógico e psicológico, ser enérgico, entusiasta, possuir uma diversidade de interesses e sobretudo habilidade para trabalhar com crianças e com adultos também.

Ter um relacionamento correcto com os utentes de modo a conhecer os seus problemas, suas necessidades, interesses, aptidões, etc., e ajudá-los.

Ser capaz de se envolver com os professores de modo a integrar os serviços da Biblioteca no programas curricular.



Ser capaz de criar um ambiente atraente e agradável na Biblioteca, de modo que os utentes sintam o prazer e bem-estar usando os seus serviços.

Saber divulgar o acervo documental da Biblioteca e dos serviços que ele pode prestar aos usuários.

Saber avaliar os serviços da Biblioteca de modo a adequá-los às necessidades curriculares, às exigências dos utentes e da comunidade em geral onde a escola esteja inserida.

Respeitar o utente e atendê-lo com cortesia.

Saber comunicar-se com o corpo docente da escola de modo a integrar-se na equipa de professores da escola, planificando, estruturando, avaliando e corrigindo os erros surgidos ao longo do processo decente-educativo.

Apesar das deficientes condições materiais e de trabalho das nossas escolas primárias, é possível criar e pôr a funcionar uma biblioteca na escola onde haja melhores condições, contando-se com o apoio da comunidade, de algumas estruturas e da iniciativa da própria escola.

A criação e funcionamento da Biblioteca Escolar contribuirá para a educação dos alunos sobre como ocupar eficazmente o seu tempo livre.

A Biblioteca deve ser parte integrante da escola e ser supervisionada pela direcção da mesma.

A nível da Direcção Distrital de Educação e Direcção Provincial de Educação deveria haver um responsável pelo sector de bibliotecas

escolares no Sector Pedagógico.

Deverá criar-se pequenos cursos para técnicos auxiliares de bibliotecas, até mesmo para a formação de bibliotecários.

Deverá haver uma verba própria para bibliotecas para compra de materiais indispensáveis para o enriquecimento do seu acervo.

Deverá dar-se maior atenção às escolas primárias privilegiando-as também com projectos de criação, organização e funcionamento de bibliotecas escolares, sobretudo para aquelas que tenham condições para o efeito.

É útil a criação de uma experiência-piloto numa escola primária. A minha sugestão é que seja na Escola Secundária da Polana uma vez que ela reúne as condições necessárias para tal.





É importante que nos cursos de formação de professores primários se dêem conhecimentos de biblioteconomia.

Para a solução imediata deste problema, seria vantajoso criar uma associação denominada "A Associação dos Amigos da Biblioteca". Esta seria constituída por todos os que se

interessam pela criação e manutenção da biblioteca, isto é, um grupo de trabalho voluntário. Caberia a esta associação a obtenção de recursos financeiros para a biblioteca, pela sua divulgação e melhor utilização, a realização de campanhas para obtenção de doações de materiais bibliográficos, organizará grupos de trabalho para

ajudar o responsável da biblioteca nas suas tarefas, etc. Esta seria mais uma forma de ligação Escola-Comunidade.

Extraído de
JORGE, Alda - Trabalho de Curso: O papel educativo da Biblioteca Escolar no Ensino primário - Maputo: I.S.P., 1989

LEGISLAÇÃO

ESTATUTO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

CAPÍTULO I

Sistema Orgânico

Secção I

Áreas de Actividades

Artigo 1

Para a realização dos seus objectivos e funções específicas o Ministério da Educação está organizado de acordo com as seguintes áreas de actividade:

- a) Área de ensino e formação;
- b) Área de investigação e desenvolvimento curricular
- c) Área de administração e planificação
- d) Controlo e supervisão

Secção II Estruturas Artigo 2

1. O Ministério da Educação tem a seguinte estrutura:

- a) Direcção Nacional do Ensino Primário;
- b) Direcção Nacional do Ensino Secundário Geral;
- c) Direcção de Planificação;
- d) Direcção de Administração e Finanças;
- e) Direcção de Recursos Humanos;
- f) Direcção de Acção Social Escolar;
- g) Inspeção;
- h) Departamento Jurídico;
- i) Departamento de Avaliação e Certificação;
- j) Departamento Centro de Documentação;
- l) Gabinete do Ministro

2. A Universidade Eduardo Mondlane, o Instituto Superior Pedagógico, o Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação, o Instituto de Aperfeiçoamento de Professores, constituem instituições subordinadas.

Secção III Função das Estruturas Artigo 3

1. A Direcção Nacional do Ensino Primário tem como objectivos fundamentais garantir a implementação correcta da política educativa do ensino, assegurar a orientação e controlo do processo de ensino-aprendizagem e promover a qualidade e a eficácia deste nível do ensino e a formação e reciclagem de professores deste nível.

2. Para atingir os seus objectivos, à Direcção Nacional do Ensino Primário compete realizar as seguintes funções:

- a) Conceber e elaborar os curricula e programas de ensino primário e de formação e reciclagem dos professores deste nível de ensino;
- b) Orientar e controlar a elaboração de materiais de ensino-aprendizagem;
- c) Orientar e controlar a formação inicial, em exercício e permanente de professores do ensino primário;
- d) Avaliar a eficácia do ensino ministrado nas instituições de sua tutela;
- e) Orientar o funcionamento dos estabelecimentos do

ensino primário e as instituições de formação de professores deste nível de ensino e de alfabetização;

f) Orientar o desenvolvimento do ensino especial e controlar o funcionamento das respectivas instituições.

Artigo 4

1. A Direcção Nacional do Ensino Secundário Geral tem como objectivos fundamentais garantir a implementação da política educativa do ensino secundário geral, assegurar a orientação e controlo do processo de ensino-aprendizagem nos respectivos estabelecimentos do ensino, promover a qualidade e eficácia do ensino e a reciclagem de professores do ensino secundário-geral.

2. Para alcançar os seus objectivos, a Direcção Nacional do Ensino Secundário Geral deve realizar as funções seguintes:

a) Conceber e elaborar os currículos e programas do ensino secundário e de reciclagem de professores deste nível de ensino;

b) Orientar e controlar a elaboração de materiais de ensino-aprendizagem;

c) Orientar e controlar a formação permanente de professores do ensino secundário e médio geral;

d) Avaliar a eficácia e eficiência do ensino ministrado nas instituições de sua tutela;

e) Orientar o funcionamento dos estabelecimentos do ensino secundário geral.

Cont.